

NOTAS SOBRE A LITERATURA EM *TEMPO BRASILEIRO*

Débora Cota¹

Como já disse Antonio Candido, e como bem sabem os novos poetas, a literatura não existe na gaveta: só vive como relação inter-humana, quando se completa o triângulo autor/obra/público. (Ana Cristina Cesar)

A literatura, para sair da gaveta, além de livros, possui um outro meio: as revistas, sejam elas independentes ou institucionais, literárias ou culturais. Partindo de alguns dados quantitativos da *Tempo Brasileiro* — revista trimestral de cultura, proponho-me a anotar neste texto alguns aspectos da relação de um periódico autodenominado cultural com a literatura, possibilitando algumas reflexões sobre o assunto.

A *Tempo Brasileiro* vem sendo publicada desde a década de 60, porém meu estudo enfoca 17 números editados entre o último trimestre de 1975 e fins de 1979. Durante este período, cerca de 55% dos ensaios e resenhas tiveram como assunto a literatura. Deste total, 7 números², sendo dois duplos, são dedicados exclusivamente ao literário, e 3 demonstram uma forte presença da literatura.³

Para uma melhor apresentação da revista é importante destacar que, desde sua fundação em 1962, esteve sob a direção de Eduardo Portella, e seu conselho editorial, apesar de ter sofrido algumas alterações, teve como membros permanentes: Emmanuel Carneiro Leão, José Guilherme Merquior, Muniz Sodré, Tania Jatobá, Pedro Lyra e Ângela Dias.

Quanto ao aspecto da revista, o formato de livro e capa apresentando logotipo e nome da revista, com variações apenas do colorido de cada número, foram mantidos não só durante os períodos em estudo, mas também, “foram preservados ao longo dos seus mais de 30 anos”.⁴

¹ Bolsista de Iniciação Científica — CNPq.

² “Poesia brasileira hoje” nº 42/43, jul.-dez./75, “Poética ontem e hoje” nº 45/46, abr.-set./76, “Literatura brasileira: vertentes” nº 48, jan.-mar./77, “A poesia e a crítica” nº 51, out.-dez./77, “Prometeu e a crítica” nº 55, out.-dez./78, “A violência na literatura” nº 58, agos.-out./79 e “Sonho e realidade no texto literário” nº 59, out.-dez./79.

³ “Cultura e realidade” nº 57, abr.-jun./79, “Leitura e verdade: Liba Beider” nº 56, jan.-mar./79 e “Semiótica e crítica literárias” nº 52, jan.-mar./78.

⁴ CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Tempo Brasileiro* e Novos Estudos nos anos 80, Boletim de Pesquisa do Projeto Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos, nº 1, UFSC, 1997, p.6.

Traçando uma comparação do período focado com as publicações da *Tempo Brasileiro* na década de 80⁵, pode-se dizer que a literatura esteve também fortemente presente nessa década: dos 40 números publicados “12 lhe são integralmente dedicados, num enfoque predominante teórico”.⁶ Contudo, observa-se que esta presença do literário e também da seção de resenhas foi muito mais freqüente no início da década: em 1980, por exemplo, todos os números publicados tratam exclusivamente do literário, enquanto que, em 1989, ou está totalmente excluído ou aparece de forma marginal.

No período a que me ateno, último trimestre de 1975 até fins de 1979, o tema literatura é distribuído de forma desigual: há números em que é totalmente excluído, como em “Linguística e ensino do vernáculo” nº 53/54 abr.-set./78 e “Ciência e consciência” nº 49 abr.-maio-jun./77, e há números totalmente dedicados à literatura, ou pelo menos com uma forte presença, como os que citamos em nota anteriormente.

Em um número destinado a homenagear o poeta Roberto Alvim Correa, pela comemoração de seus oitenta anos, constatamos a importância dada ao “gênero por excelência” da literatura, a poesia: “E como os poetas não têm idade, o que estamos comemorando antes de uma data, é a poesia mesma, a sua permanência, num tempo tão avesso e tão necessitado dela.”⁷

A poesia é o gênero mais trabalhado pela *Tempo Brasileiro*, seja utilizada em análises que exploram um determinado tema, ou ainda em textos teóricos. Há dois números que tratam quase que exclusivamente dela: “A poesia e a crítica”, nº 51, out.-dez./77 e “Poesia brasileira hoje”, nº 42/43, jul.-dez./75. Por aí pode-se observar que não há um espaço para publicações de criações literárias. Os poucos poemas que encontramos, ou estão destinados a homenagear algum escritor, como “Visão de Clarice”, escrito por Carlos Drummond de Andrade em uma homenagem póstuma a Clarice Lispector, ou exemplificam análises, como as que encontramos na revista nº 42/43, dedicada à “Poesia brasileira hoje”.

A evidência dada à poesia está nos artigos da *Tempo Brasileiro* talvez se explique pela situação da poesia brasileira na década de 70, que assiste a um incremento de sua produção, sobretudo da poesia denominada marginal. Fica a pergunta: estaria a

⁵ Os trabalhos: “*Tempo Brasileiro e Novos Estudos nos anos 80*” de Maria Lucia de Barros Camargo e *Dez anos em revista: Tempo Brasileiro e Novos Estudos* de Rosa Maria Cominetti (Dissertação de Mestrado, UFSC, 1996), permitiram traçar algumas comparações das publicações da década de 80 com o período em foco.

⁶ “*Tempo Brasileiro e Novos Estudos nos anos 80*”, p. 8.

⁷ Editorial da *Tempo Brasileiro* nº 55, out.-dez. de 1978.

Tempo Brasileiro respondendo, a seu modo, à pressão manifestada por tal proliferação poética?

Um outro dado importante se refere aos autores e obras que os estudos e análises da revista exploram. Observamos que há uma preferência por trabalhar com autores, ou já consagrados, ou que detém algum tipo de reconhecimento. Assim, são estudados desde Clarice Lispector, Antonio Callado, Oswald de Andrade, Rubem Fonseca, a Olavo Bilac, ou ainda, Carlos Nejar, Moacyr Félix, Roberto Alvim Corrêa, dentre outros. Também fica evidente a preferência por autores brasileiros.

Com o que foi dito até aqui, podemos observar que a *Tempo Brasileiro* tem uma postura diferente das revistas literárias propriamente ditas: não é um “veículo de exteriorização de princípios poéticos e estéticos de um determinado grupo, nem de divulgação de determinado tipo de produção literária”, e sim uma revista ‘acadêmica’, isto é, seus organizadores e colaboradores são, em sua maioria, ligados à academia e seu “seleto público” também é de extração nitidamente universitária.⁸

Pelo grande número de artigos que têm como tema a literatura (55%), não se pode negar a atenção especial dada a este assunto, mas o que se constata aqui é que foi dado espaço a uma literatura: a consagrada, ou pelo menos reconhecida. Esta preferência pelo reconhecido ou já canonizado e sua postura acadêmica demonstram um certo conservadorismo deste periódico: ele prevê um público especializado, não favorece a divulgação dos novos, e ainda tem a literatura como instrumento para se autoconsagrar. Como nos fala Rosa Cominetti⁹:

A Tempo Brasileiro, por não apresentar e nem fornecer espaço aos novos escritores e às novas perspectivas, acaba perpetuando e assumindo uma posição que visa, basicamente, consagrar os consagrados, isto é, conservar uma tradição.

Um número da *Tempo Brasileiro* poderia ser considerado como uma tentativa de fuga a esta regra: “Poesia brasileira hoje”, nº 42/43. Ana Cristina César, à época, escreve uma interessante resenha deste número, criticando especialmente a concepção de “novo” que está por trás da escolha de alguns poemas publicados. Diz ela:

Resta saber que sentido tem este recente para a revista como um todo: ao que parece há uma confusão entre as últimas novidades surgidas e o

⁸ Ver: “*Tempo Brasileiro* e *Novos Estudos* nos anos 80”, p. 5.

⁹ “Dez anos em revista: *Tempo Brasileiro* e *Novos Estudos*”, p. 61.

verdadeiramente novo como linguagem, evitando assim os perigos da definição própria. Basta dizer que a revista abre com meia dúzia de poemas do último livro de João Cabral (Museu de Tudo), que, realmente, não pode ser alinhado entre os representantes da nova poesia, anticabralina por excelência. No mesmo barco vai o longo poema de G. H. Cavalcanti, cabralíssimo.

É desorientante percorrer os poemas publicados pela revista, que, depois desta entrada cabralina, deságua indevidamente nos anticabralinos novíssimos ('devidamente' postos no final de tudo?). Fica claro que não há uma reflexão por parte da revista sobre esta nova poesia, ou seja, uma proposta editorial que a oriente: o critério para publicação dos poemas foi simplesmente o seu ineditismo (os poemas de Museu de Tudo, assim como todos os outros, eram inéditos na época).¹⁰

Por fim, como falamos no início deste texto, a *Tempo Brasileiro* é uma revista autodenominada cultural, mas seu investimento na área literária é muito grande. Isto demonstra que a literatura é essencial para sua existência enquanto periódico. Sua opção por trabalhar com a literatura consagrada, ou pelo menos reconhecida, pode estar relacionada com uma característica que parece ser central: a *Tempo Brasileiro* não mantém uma relação estreita com seu próprio tempo. Desta maneira, no caso da literatura, fica na gaveta toda uma produção literária que pode estar surgindo e que necessita ser lida.

¹⁰ CÉSAR, Ana Cristina. “Nove bocas da nova musa” In: *Escritos no Rio*, Org. Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Brasiliense, 1993, p. 45-46.